



## **A HISTÓRIA CONTADA PELOS PROFESSORES: da classe especial à sala de recursos multifuncional na rede municipal de Maceió.**

Elisângela Leal de Oliveira Mercado<sup>1</sup>; Neiza de Lourdes Frederico Fumes<sup>2</sup>

Eixo Temático: Atendimento Educacional Especializado

### **RESUMO**

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento. Ele visa compreender como aconteceu o processo de implantação de um sistema educacional inclusivo na rede pública municipal de Maceió, a partir das narrativas orais de professores da Educação Especial. Surgiu da inquietação da necessidade de conhecer o contexto social e histórico de implementação e transformações da Educação Especial na rede municipal de Maceió, a partir das vozes dos professores que vivenciaram este processo. A metodologia utilizada no estudo envolveu uma abordagem qualitativa de história oral temática, com enfoque no método biográfico, adotando como técnica a entrevista narrativa e a análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas gravadas em áudio com três professores da Educação Especial, que ingressaram na rede pública municipal em momentos distintos na história da Educação Especial de Maceió. Na análise das narrativas orais, foi estabelecido um diálogo com os estudos e pesquisas referentes aos modelos de atendimento ofertado aos estudantes da Educação Especial durante a implantação de sistemas educacionais integradores e inclusivos. Esta pesquisa revelou as tensões e percepções dos professores da Educação Especial na compreensão da oferta do Atendimento Educacional Especializado em escolas públicas da rede municipal de ensino de Maceió/AL. Aspecto que, em vários momentos, demonstrou o despreparo na formação e na atuação destes docentes. Portanto, desvelar as concepções de professores da Educação Especial, acerca da implantação de um sistema educacional inclusivo e da oferta do Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos Multifuncionais, ainda é considerado um espaço de pesquisa pouco explorado.

**Palavras Chave:** Classe Especial; Sala de Recursos Multifuncionais; AEE

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo compreender como acontece o processo de constituição da identidade de professores da Educação Especial, a partir de suas narrativas orais. Para tanto, este texto faz um recorte

<sup>1</sup> [Elisangelamercado@gmail.com](mailto:Elisangelamercado@gmail.com) – Professora CEDU/UFAL

<sup>2</sup> [neizaf@yahoo.com](mailto:neizaf@yahoo.com) – Professora CEDU/UFAL

nessas narrativas para analisar como aconteceu o processo de implantação de um sistema educacional integrador e depois, de um sistema inclusivo na rede pública municipal de Maceió.

A Educação Especial, antes segregadora, pela existência de classes especiais, passou a ser ofertadas em salas de aula comuns e em SRM, sob o viés do paradigma educacional inclusivo. O paradigma da Educação Inclusiva não pode ser tratado como sinônimo e nem estar restrito à Educação Especial, ao contrário é uma proposta ampla que envolve reformas na escola, a fim de garantir o acesso e a participação de todas as crianças, nas oportunidades oferecidas. Defende ainda que nenhuma criança deve ser separada das outras por apresentar alguma diferença ou necessidade especial (MITTLER, 2003) e, que todas devem aprender juntas na sala de aula comum (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

O cenário de democratização da educação pública, nacional e local, configurado no início da década de 1990 foi muito promissor para o desenvolvimento de políticas de acesso de estudantes com deficiências na escola regular. Num primeiro momento, para atender a ampla discussão em torno do direito à educação para todos, o município de Maceió implanta as primeiras classes especiais, com a finalidade de garantir o acesso e a participação dos estudantes, considerados aptos à convivência social e escolar. Em seguida, em prol de um sistema inclusivo implanta as primeiras salas de recursos visando garantir o atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiências integrados nas salas de aula comum do ensino regular. Em meados dos anos 2000, o município de Maceió adere ao Programa de Implantação das Salas de Recursos Multifuncionais (MEC, 2007) e, progressivamente, transforma todas as Salas de Recursos em Salas de Recursos Multifuncionais.

A relevância deste estudo está em compreender esse cenário de mudanças a partir da fala dos professores que vivenciaram e foram protagonistas dessas transformações, em respeito à valorização de vozes tradicionalmente silenciadas pelos discursos oficiais. As narrativas orais são consideradas aqui, como instrumento significativo no repensar do processo formativo e compreensão da identidade profissional de professores da Educação Especial no município de Maceió.

## **METODOLOGIA**

A pretensão de conhecer e desvelar as concepções e tensões decorrentes do contexto sócio-histórico da Educação Especial no município de Maceió, suscita explorar um constructo teórico de pesquisas relacionadas ao lugar do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Especial, provocando novos olhares e escutas a partir das narrativas docentes. Estudos baseados em Alves (2006), Baptista, Jesus e Caiado (2013), Mantoan (2006) e outros, foram determinantes na discussão das mudanças conceituais e práticas no atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades.

A escolha metodológica pela história oral temática deu-se pela valorização de narrativas docentes, fundamentada numa abordagem de pesquisa qualitativa. Essa metodologia possibilitou, na construção do sentido de docência, a reconstrução das práticas sociais desenvolvidas na Educação Especial do município de Maceió. A história oral temática teve início com a elaboração de projeto e se organiza a partir de gravações das narrativas de três professores, considerados referência no AEE pelos pares e que assumiram a Educação Especial em momentos diferenciados.

Os dados coletados obedeceram a três etapas: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista investigou-se a visão de cada professor sobre o processo de implantação dos serviços de Educação Especial na rede municipal de Maceió e a forma de atendimento realizada. Assumiu-se o modelo de entrevista semiestruturada, guiada por um roteiro prévio com questões diretas e flexíveis, permitindo a ampliação do questionário da história oral temática, à medida que as informações fornecidas pelos professores entrevistados eram significativas para a

temática em discussão. Após cada contato com os professores nas escolas, foi feita anotações no diário de campo e utilizados documentos provenientes de fontes externas às entrevistas orais: ficha de identificação e entrevistas concedidas ao banco de dados do NEEDI/UFAL e ONEESP/UFAL. Esses documentos tiveram como função enriquecer a pesquisa e resultaram em grande utilidade na fase de transcrição e de análise do conteúdo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, a implantação das primeiras classes especiais na Educação Especial teve início na década de 1970, como elemento impulsionador da integração escolar. No entanto, no município de Maceió este serviço tardou a acontecer, se materializando apenas no início da década de 1990, após a criação da Divisão de Educação Especial na Fundação Educacional de Maceió (FEMAC), atual Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

As classes especiais foram instituídas, no município de Maceió, como os primeiros serviços de atendimento especializado ofertados na vertente da integração escolar. Entendidas como espaços físicos de sala de aula disponibilizados na própria escola eram destinadas ao atendimento de vinte estudantes com deficiência mental ou auditiva, que dispunham de uma série de recursos fornecidos pela SEMEC: métodos, técnicas e procedimentos didáticos voltados para o desenvolvimento de uma prática terapêutica e educacional.

Era a sala especial, inclusive no fundão mesmo. Era a sala lá do fundão, com grades na porta, todos os alunos juntos, aquilo não era inclusão. Era uma sala especial separada. [...] Aquela grade me deu uma sensação muito ruim, mas hoje eu entendo. Hoje eu entendo, que se pudesse a gente teria grade, é uma questão de segurança, tem em outras escolas. É por causa do material, jogos. E olha que na época não tinha computadores, notebooks. [...] na época me deu um susto entrar naquela sala com grades. Acho que ali tinham umas vinte crianças, todas que eram ditas “especiais”. E eu pensei: “eu teria que ficar naquele ambiente. E, sinceramente, tinha aquela história dos meninos, eles não eram incluídos. Eles eram separados, os doidinhos, ditos doidinhos, os impossíveis, os danados. Eles brincavam até separadas porque, com certeza, eram os que batiam mais. Eram os que arengavam mais e tal. E pensei: “Meu Deus! O que é que eu vou fazer? (Professor 1).

A narrativa do professor 1 sobre o processo inicial de implantação dos serviços da Educação Especial na rede municipal faz alusão ao despreparo e os estigmas a serem vencidos por este professor. Ao assumir a Educação Especial esperava-se que o professor realizasse um atendimento especializado com caráter clínico, num ambiente segregado na instituição. Para Mantoan (2006), este modelo de sistema educacional está centrado num pensamento que recorta a realidade, permite dividir os estudantes em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial e os professores da Educação Especial especialistas neste ou naquele tipo de deficiência.

Seguindo as orientações da Política de Educação Especial da época, em 2000, a SEMED implantou o projeto de integração de estudantes da Educação Especial nas salas de aula comum e amplia os serviços de apoio especial oferecido na rede municipal de ensino, com a política de implantação de salas de recursos. O AEE era ofertado em Salas de Recursos (SR) de maneira sistemática, em ambiente fixo e para apenas um tipo de deficiência. Baptista, Jesus e Caiado (2013) lembram nos que Estados e municípios passam a acatar os princípios da Educação Especial inclusiva. O serviço de AEE passa a ser assegurado de forma complementar e suplementar ao ensino comum para apoiar a permanência desses estudantes nas classes comuns.

Quando eu cheguei para atender, a gente vem com aquela expectativa, eu desconhecía como era trabalhar na sala de recursos. E encontrei uma professora que já trabalhava muito tempo na sala de recursos e, fiquei só observando o trabalho dela. [...]. Foi boa

experiência, porque eu não sabia como era o trabalho, mas pela minha experiência em Psicologia eu achava que o trabalho que ela fazia não era o correto, mesmo sem o conhecimento, pela experiência de Psicologia, eu acho que a gente tem que ver a criança como uma criança, e não como uma deficiência. (Professor 2)

As tensões de ser professor da Educação Especial revelam um sentimento de identificação com o antigo professor desta sala. O olhar e a experiência de ter trabalhado como psicóloga em clínicas foram determinantes na hora de construir a forma de AEE a ser desenvolvido. Os saberes da experiência produzidos no cotidiano docente, por meio de um processo permanente de reflexão sobre a prática desenvolvida no atendimento a educandos com deficiências ganhou importância e auxiliou no processo reflexivo da própria prática.

Com a aprovação do primeiro Plano Municipal de Educação, em 2007, uma política municipal na perspectiva da Educação Inclusiva é assumida. Foram mantidas as ações formativas do Programa Educação Inclusiva: direito a diversidade e o Programa Educação Inclusiva envolvendo equipe docente e gestora da rede municipal de Maceió e outros municípios. E em parceria com o MEC/SEESP houve a adesão ao Programa de Implantação das Salas de Recursos Multifuncionais (MEC/2007), fazendo com que as 29 SR existentes fossem gradativamente transformadas em Salas de Recursos Multifuncionais (SRM).

Eu assumi a sala de recursos, porque aqui já existia essa sala. [...]. Funcionava assim, eu acho, os técnicos da SEMED vinham uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. [...] O desafio inicial de quando eu cheguei aqui em 2007 foi: “Meu Deus do Céu! Como é que eu vou dar conta disso, eu não tenho experiência? [...] São relatos muito individualizados, tratamento individualizado. Planejamento, não é um planejamento que você faz para uma sala de aula, é um planejamento que você faz para um aluno. (Professor 3).

A implantação de SRM com o propósito de apoiar a oferta do AEE de forma complementar e suplementar ao processo de escolarização, encontra-se fundado no paradigma da inclusão educacional, em que todos os estudantes são incluídos e permanecem nas escolas de ensino regular. Esse modelo exige mudanças nas práticas pedagógicas e no currículo. O AEE é a parte diversificada do currículo institucional, “organizado para apoiar, complementar e suplementar os serviços educacionais comuns.” (ALVES, 2006, p. 15), pode ser realizado na SRM, por meio do ensino da Libras, o sistema Braille e o Soroban, a comunicação alternativa, o enriquecimento curricular, dentre outros. Este redimensionamento da natureza do AEE provoca uma reconfiguração na identidade do Professor da Educação Especial, que deve abandonar natureza clínica-psicopedagógica e assumir uma vertente exclusivamente educacional. Esse profissional partiu de uma compreensão de atuação multidisciplinar e da concepção de trabalho coletivo, realizado junto ao professor da classe comum.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa revelou as tensões e concepções dos professores da Educação Especial nas narrativas referentes ao processo de construção de um sistema inclusivo da rede municipal de ensino de Maceió/AL. O contexto de reordenamento dos sistemas de ensino na perspectiva de Educação Inclusiva, voltado às necessidades individuais dos estudantes, deixou os professores temerosos. Esta situação reflete o despreparo na formação e na atuação docente, acerca da implantação de um sistema educacional inclusivo e da oferta do Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos Multifuncionais.

Ao longo do processo de implantação da Educação Especial os professores vêm se dando conta que o AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, visando eliminar barreiras para a plena participação dos estudantes com deficiências, TGD e altas habilidades ou superdotação. Bem como, da

importância deste serviço para o estudante da Educação Especial e sua contribuição para o fortalecimento de um sistema educacional inclusivo.

A escuta desses professores permitiu a compreensão de que os entraves e dificuldades de mudança, muitas vezes, resultam do despreparo na formação inicial e continuada, assim como das mudanças provocadas pela conjuntura sócio histórica da Educação Especial no Brasil e em Maceió nas últimas décadas. As narrativas orais vislumbram novas formas de compreender o papel da formação continuada no processo formativo e de construção da identidade profissional do professor da Educação Especial. Tornando-se um instrumento propositor de um modelo formativo baseado na pesquisa colaborativa e na troca de experiências e saberes.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Denise O. Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

BAPTISTA, Claudio R.; JESUS, Denise M.; CAIADO, Katia R. Prática pedagógica na Educação Especial: multiplicidades do atendimento educacional especializado. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2013.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MEC. Portaria Normativa nº 13, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a criação do "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais". Ministério da Educação. Brasília, DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9935-portaria-13-24-abril-2007&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9935-portaria-13-24-abril-2007&Itemid=30192). Acesso em: 13 out. 2015.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William (orgs) **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999